

MARY BALOGH

UMA NOITE DE AMOR

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

RUI AZEREDO

ASA

PARTE 1

O REGRESSO

A pesar de ainda ser bem cedo e de o tempo estar fresco, o pátio da Estalagem White Horse, em Fetter Lane, em Londres, estava cheio de gente e havia bastante ruído. A diligência para o West Country preparava-se para a sua viagem diária. Eram poucos os passageiros já embarcados; a maior parte deles andava ansiosamente às voltas a ver se a sua bagagem tinha sido corretamente acondicionada. Vendedores ambulantes tentavam vender as suas mercadorias aos passageiros, que tinham pela frente um dia longo e entediante. Os moços de estrebaria andavam bastante atarefados. Crianças andrajosas, quando não eram devolvidas à rua com um pontapé, avançavam sobre os passageiros, aproveitando o ambiente frenético.

O guarda soprou a corneta, um aviso ensurdecador de que a carruagem iria partir dentro de poucos minutos e que quem tivesse bilhete estava bem avisado de que deveria subir a bordo.

O capitão Gordon Harris, bem aprumado com a sua farda do 95.º de Fuzileiros, e a sua jovem esposa, vestida com uma roupa vistosa bem à moda, pareciam de certa forma deslocados num lugar tão pouco elegante. Mas eles não eram passageiros. Acompanharam uma mulher à White Horse para garantir que seguia viagem.

O aspeto dela contrastava imenso com o deles. Apesar de limpa e arranjada, a sua roupa tinha sem dúvida um ar coçado. Usava um vestido de algodão de cintura alta com um xaile por cima para se

proteger do frio. Ambas as peças tinham um ar bem gasto e lavado. O chapéu, que talvez em tempos tenha sido belo embora sem nunca ter estado muito na moda, sem dúvida que já protegera a sua dona de muitos aguaceiros. A sua grande aba estava descaída e disforme. Era uma mulher jovem – na verdade, era tão pequena e tão franzina que à primeira vista poderia ser tomada por uma rapariga. Mas havia algo nela que atraíu olhares atentos de diversos homens que estavam por ali ocupados com as suas tarefas. Havia beleza e graciosidade e um ar indefinível de feminilidade que lhe proporcionavam o estatuto de uma verdadeira mulher.

– Tenho de ir entrando na carruagem – disse ela com um sorriso ao capitão e à sua esposa. – Não precisam de ficar mais tempo aqui. Está muito frio para estar aqui parado. – Estendeu as suas mãos magras para Mrs. Harris, embora olhasse alternadamente para os dois. – Como é que algum dia vos poderei agradecer condignamente por tudo o que fizeram por mim?

Surgiram lágrimas nos olhos de Mrs. Harris, que abraçou com força a jovem. – Não fizemos nada de especial – disse ela. – E agora estamos a abandoná-la para viajar de diligência, o meio de transporte mais reles que há, quando poderia ter ido mais respeitosa-mente numa carruagem mais pequena ou, no pior dos casos, na carruagem do correio.

– Já vos pedi emprestado o suficiente – alegou a jovem –, e sem ser para extravagâncias superficiais.

– *Emprestado*. – Mrs. Harris retirou um lenço debruado a renda da sua saquinha de rede e levou-o aos olhos.

– Ainda vai a tempo de mudar de ideias, sabe disso. – O capitão Harris pegou numa das mãos da jovem e envolveu-a nas suas. – Regresse connosco ao nosso hotel para tomar o pequeno-almoço e eu trato de escrever a tal carta antes mesmo de comer, e envio-a de pronto. Atrevo-me a dizer que deverá chegar uma resposta durante a próxima semana.

– Não, senhor – ripostou ela com firmeza, embora sorrindo. – Não posso esperar. Tenho de partir.

Ele não discutiu mais, mas suspirou, afagou-lhe a mão e impulsivamente puxou-a para um abraço, tal como fizera a sua esposa. Naquele momento, ela já corria o risco de perder o lugar sentado no interior da carruagem que ele categoricamente insistiu que ocupasse. Até entregara discretamente uma gorjeta ao cocheiro para lhe assegurar um lugar à janela naquela longa viagem até à aldeia de Upper Newbury, no Dorsetshire. Mas uma mulher avantajada, que parecia preparada para enfrentar qualquer cocheiro ou capitão do exército que se atrevesse a atravessar-se no seu caminho, ou até os dois ao mesmo tempo, estava já a instalar-se no único lugar disponível à janela.

A jovem teve de se espremer para se sentar num lugar do meio. Mas parecia não partilhar da indignação do capitão. Sorriu e ergueu uma mão para se despedir. Naquele momento, a corneta do guarda soou de novo para avisar toda a gente nas imediações da diligência que esta ia começar a sua jornada.

A mão enluvada de Mrs. Harris estava ainda levantada em resposta ao adeus, mesmo depois de a carruagem ter deixado ruidosamente o pátio, virado para a rua e desaparecido de vista.

– Nunca em toda a minha vida conheci uma pessoa tão teimosa – disse ela, usando de novo o lenço de bolso. – Ou tão amorosa. O que vai ser dela, Gordon?

O capitão voltou a suspirar. – Acho que está a fazer tudo errado – disse. – Já passou quase um ano e meio e o que já na altura parecia uma loucura será sem dúvida uma impossibilidade agora. Mas ela não entende.

– A súbita aparição dela vai revelar-se um choque terrível – afirmou Mrs. Harris. – Oh, que rapariga tonta. Podia ter atrasado a viagem uns dias enquanto escrevias uma carta. Como é que ela vai *conseguir*, Gordon? É tão pequena e tão frágil e tão... tão *inocente*. Temo por ela.

– Desde que conheço a Lily – contrapôs o capitão –, que ela tem este aspeto, embora tenha de admitir que me parece mais magra do que o habitual. O ar inocente e frágil não passa, contudo, de

uma mera ilusão. Sabemos que passou por uma grande provaçãõ que faria tremer o mais rude e duro dos homens. Mas deve ter passado por coisas ainda mais terríveis que nem nos passam pela cabeça.

– Prefiro nem pensar nisso – disse convictamente a sua mulher.

– Ela sobreviveu, Maisie – recordou-lhe –, sem ferir o seu orgulho ou a sua coragem. E a sua doçura também; parece não ter ficado amargurada. Apesar de tudo, parece que nela continua a haver algo mais do que apenas um toque de inocência.

– O que é que ele irá fazer quando ela chegar? – perguntou ela quando encetaram o regresso ao hotel para tomar o pequeno-almoço. – Oh, meu Deus, ele deveria mesmo ter sido avisado.

Newbury Abbey, a casa de campo e principal propriedade do conde de Kilbourne no Dorsetshire, era uma mansão imponente situada num parque imenso muito bem tratado onde havia um vale isolado e cheio de fetos e uma praia privativa de areia dourada. Para lá dos portões do parque, Upper Newbury era uma aldeia pitoresca de casas caiadas de branco com telhados de colmo encaixadas num prado. Lá havia a Igreja de Todas as Almas, com uma torre em agulha, e uma estalagem com bar na parte de baixo e o salão de reuniões e os quartos de hóspedes em cima. A aldeia de Lower Newbury, uma comunidade piscatória erigida numa enseada abrigada onde embarcações de pesca balouçavam em repouso quando não estavam a ser usadas, ligava-se à aldeia de cima por um caminho íngreme, ladeado por casas e uns quantos estabelecimentos.

Os habitantes de ambas as aldeias e dos campos em volta estavam, em geral, satisfeitos com a tranquila obscuridade das suas vidas. Mas, não obstante, eram apenas seres humanos. Gostavam de um pouco de animação, tal como qualquer homem ou mulher. Ocasionalmente, cabia a Newbury Abbey proporcionar essa animação.

O último grande espetáculo fora o funeral do velho conde há mais de um ano. O novo conde, o seu filho, estava na altura em

Portugal com o exército de Lord Wellington e não conseguiu regressar a tempo de assistir ao triste acontecimento. Vendeu a sua comissão e regressou a casa mais tarde para assumir as suas responsabilidades.

E agora – no início de maio de 1813 – os habitantes das Newburys estavam prestes a viver algo bem mais agradável e bem mais esplêndido do que um funeral. Neville Wyatt, o novo conde de Kilbourne, um jovem de vinte e sete anos, estava prestes a casar com a sua prima por afinidade, que fora criada na abadia com ele e com a irmã dele, Lady Gwendoline. O pai dele, o falecido conde, e o barão Galton, avô materno da noiva, já tinham planeado o enlace muitos anos antes.

Era um enlace popular. Não podia haver casal mais bem-parecido, concordavam os aldeões, do que este constituído pelo conde de Kilbourne e por Miss Lauren Edgeworth. Sua senhoria tinha partido para a guerra – muito contra o desejo do pai, dizia-se – como um rapaz alto, magro, louro e bem-parecido. Regressara seis anos mais tarde mais desenvolvido ainda, quase irreconhecível. Era largo onde um homem devia ser largo, magro onde um homem devia ser magro, e estava em forma. Era forte e rijo. Até uma cicatriz de uma velha ferida provocada por um sabre que lhe talhou o rosto desde a têmpora direita até ao queixo, falhando por muito pouco o olho e o canto da boca, parecia de alguma forma engrandecer, em vez de desfigurar, as suas belas feições. Quanto a Miss Edgeworth, era alta, magra, elegante e bastante bonita, com os seus caracóis escuros e brilhantes e olhos que alguns descreviam como esfumados e outros como violeta, embora todos concordassem que eram invulgarmente belos. E ela esperara pacientemente pelo seu conde até uma idade quase perigosamente avançada – já tinha vinte e quatro anos.

Todos concordavam que tudo era muito apropriado e romântico.

Durante dois dias, uma corrente contínua de grandes carruagens passou pela aldeia deixando os mais simplórios boquiabertos, enquanto os mais distintos espreitavam por entre os cortinados das

salas. Metade da alta sociedade de Inglaterra ia marcar presença, disse-se na altura, e iam aparecer mais pessoas com títulos do que aquelas que alguns achavam que pudessem existir no conjunto de Inglaterra, Escócia e Gales. Correu o rumor – embora fosse sem dúvida mais um facto do que um rumor, pois tivera origem no primo direito do cunhado da tia de uma das criadas de cozinha de Newbury – de que não havia um único quarto de hóspedes vazio na abadia. E lá havia um número incrível de quartos.

Um determinado número de famílias locais recebeu convites – para o próprio casamento e para o almoço que se seguiria na abadia, assim como para o grandioso baile que deveria ter lugar na noite anterior à boda. Na verdade, ninguém era capaz de se lembrar de ter alguma vez visto um programa tão elaborado. Mesmo as gentes mais humildes não estavam condenadas a ser meros espectadores. Enquanto os convidados do casamento estivessem a saborear o almoço, os aldeões poderiam saborear um sumptuoso repasto, a servir na estalagem por ordem e às custas do conde. Seguir-se-ia um bailarico no largo, junto ao local da festa do mastro.

A véspera do casamento foi vivida com grande intensidade na aldeia. Aromas tentadores escaparam durante todo o dia da cozinha da estalagem, prometendo algo de saboroso para o festim do dia seguinte. Algumas mulheres puseram as mesas no salão de reuniões enquanto os seus homens enfeitavam o mastro com bandeirolas coloridas e eram postos à prova pelas crianças, que eram repreendidas por emaranharem as fitas e se porem debaixo dos pés de toda a gente. Miss Taylor, filha solteirona de um antigo vigário, e a sua irmã mais nova, Miss Amelia, ajudaram a mulher do vigário a decorar a igreja com laços brancos e flores de primavera, enquanto o vigário colocava novas velas nos castiçais e sonhava com a glória que o dia vindouro lhe traria.

A manhã seguinte assistiria à reunião de todos os convidados ilustres e das suas carruagens na aldeia de cima. E estaria lá o conde para ser admirado com os seus enfeites de casamento, e a noiva com os seus ornamentos. E – maravilha das maravilhas – lá estaria o par

recém-casado para ser aplaudido quando saísse pelas portas da igreja com os sinos a espalhar a boa nova de que havia uma nova e jovem condessa na abadia. E então começaria o festim e a diversão.

Toda a gente estava atenta ao horizonte a oeste, de onde por norma poderiam surgir alterações ao tempo. Mas não se via nada de agoirento. Era um dia de céu limpo e soalheiro, bastante quente. Não havia sinais de nuvens a acumularem-se a oeste. O dia seguinte prometia ser bastante agradável – como seria adequado. Não seria permitido que alguma coisa o estragasse.

Ninguém se lembrou de olhar para este.

A diligência oriunda de Londres deixou Lily à porta da estalagem na aldeia de Upper Newbury. Era sem dúvida um local bonito, pensou ela, ao inspirar o ar fresco e algo salgado da noite e sentindo-se de alguma forma restabelecida apesar do cansaço e da rigidez das pernas. Tudo lhe pareceu muito inglês – muito bonito e tranquilo e bastante estranho.

Mas o crepúsculo da noite estava já a instalar-se e poderia ter ainda de andar um bom bocado a pé. Não tinha nem tempo nem força para explorar o local. Além disso, o seu coração começara a bater com força no peito, fazendo-a respirar com alguma dificuldade. Constatou que estava agora muito perto – finalmente. Mas, quanto mais se aproximara, mas ficara com dúvidas se seria bem-vinda, e em relação à utilidade desta viagem – só que não lhe parecia que tivesse alternativa.

Lily virou-se e entrou na estalagem.

– Newbury Abbey fica longe? – perguntou ao estalajadeiro, ignorando o silêncio quase absoluto que caiu sobre o bar assim que entrou. A sala apresentava-se completamente cheia de homens, que pareciam todos estar com um ar muito festivo, mas Lily estava habituada a estes ambientes. Uma grande quantidade de homens não era algo que a embaraçasse ou assustasse.

– Três quilômetros, se isso significa alguma coisa para si – respondeu o estalajadeiro, pousando uns poderosos cotovelos no balcão e olhando-a com curiosidade de alto a baixo.

– Em que direção? – indagou ela.

– Passando pela igreja e através dos portões – explicou ele, apontando –, e seguindo a rampa.

– Obrigada – disse Lily educadamente, e virou costas.

– Se fosse a si, minha linda – disse um homem sentado a uma das mesas, sem se mostrar indelicado –, batia à porta do vicariato. Deste lado, junto à igreja. Eles dão-lhe uma côdea e uma caneca de água.

– Se te quiseses sentar aqui entre mim e o Mitch – disse um outro, num tom jocoso e rude – faço com que ganhes já uma côdea e uma caneca de cidra, minha querida.

Uma gargalhada grosseira e ruidosa acompanhou as palavras dele, assim como uns quantos assobios e o som de palmas de mãos a baterem nas mesas.

Lily sorriu, sem se sentir ofendida. Estava habituada a homens malcriados e a modos rudes. Raramente faziam mal e nem sequer demonstravam desrespeito.

– Obrigada – disse ela –, mas esta noite não.

Saiu da sala. Três quilômetros. E já estava quase escuro. Mas não podia esperar até de manhã. Onde é que ficaria alojada? Tinha dinheiro suficiente para um copo de limonada e talvez para uma pequena porção de pão, mas não lhe bastava para arranjar um alojamento para passar a noite. Além disso, já estava bastante próximo.

Apenas três quilômetros.

O salão de baile de Newbury Abbey, magnífico mesmo quando vazio, estava cheio de flores amarelas, cor de laranja e brancas vindas dos jardins e estufas e decorado com fitas e laços de cetim branco. Resplandecia com as luzes de centenas de velas em candelabros de cristal pendurados no teto e com a miríade de reflexos gerados pelos

grandes espelhos que cobriam duas paredes que se encontravam frente a frente. Estava cheio com a nata da sociedade, assim como com membros da pequena aristocracia local, todos com as suas melhores vestes para o baile da véspera do casamento. Brillhavam cetins e sedas, assim como rendas brancas. Brillhavam joias caras. Os mais caros perfumes rivalizavam com os aromas de mil flores. As vozes elevavam-se para se fazerem ouvir umas sobre as outras e por cima da música, tocada por uma orquestra completa.

Do outro lado do salão de baile, os convidados passeavam pelo amplo patamar das escadas e subiam ou desciam as escadarias gémeas que davam acesso ao grande salão abobadado e com colunas por baixo. Caminhavam até ao exterior – na varanda do outro lado do salão de baile, no terraço frontal à casa, junto à fonte de pedra sobre o terraço, ao longo dos caminhos em gravilha do jardim de pedras e flores que ficava a este da casa. Lanternas coloridas foram atadas em volta da fonte e penduradas em árvores, se bem que a luz do luar teria bastado para iluminar o local.

Era uma noite perfeita de maio. Só se podia esperar, como vários convidados tiveram a amabilidade de realçar a Lauren e Neville enquanto eles percorriam a fila para os cumprimentos, que o dia seguinte possuisse pelo menos metade da beleza.

– Amanhã vai ser *duas vezes* mais belo – ripostava invariavelmente Neville, sorrindo calorosamente para a sua prometida –, mesmo que o vento uive e a chuva tombe copiosamente e os trovões ribombem.

O sorriso de Lauren era inequivocamente radioso. Pareceu estranho a Neville enquanto a conduzia mais tarde para o primeiro conjunto de danças folclóricas ter chegado a hesitar em fazer dela a sua noiva, tê-la obrigado a esperar seis anos enquanto ele lidava com a rebelião irrequieta da juventude enquanto oficial do 95.º de Fuzileiros. Naturalmente, alertara-a para não esperar – era demasiado amigo dela para a manter na corda bamba quando tinha tantas incertezas face às suas intenções em relação a ela. Mas *esperou*. E ele agora estava satisfeito por isso ter acontecido, humilhado pela

paciência e pela fidelidade dela. O casamento iminente tinha o seu quê de retidão. E o afeto que sentia por ela não enfraquecera. Pelo contrário, cresceu juntamente com a admiração pela personalidade e beleza dela.

– E assim começam – murmurou ao ouvido dela quando a orquestra começou a tocar –, as nossas núpcias. Estás feliz?

– Sim.

Mas até aquela simples palavra era desnecessária. Ela irradiava felicidade. Era uma noiva em todo o seu esplendor. Era a noiva *dele*. Tudo batia certo.

Neville dançou primeiro com Lauren, e depois com a irmã. A seguir dançou com uma série de jovens que pareciam estar na expectativa de passarem todo o baile sem par, enquanto Lauren dançou consecutivamente com diversos parceiros.

Depois de ter dado uma volta pela varanda com uma das suas parceiras, Neville entrou no salão de baile pelas portas envidraçadas e juntou-se a um grupo de jovens cavalheiros que, como sempre acontecia nos bailes, pareciam precisar da companhia coletiva uns dos outros para reunirem coragem de pedir a uma dama que os acompanhasse numa dança.

– Bem, saiu-se bem em cada dança, Nev – disse-lhe o primo Ralph Milne, visconde de Sterne –, embora só uma vez o tenha feito com a sua prometida. Azar, meu velho, mas suponho que não lhe é permitido dançar com ela mais do que uma vez, estou certo?

– Lamentavelmente, não – concordou Neville, percorrendo o salão de baile com o olhar até encontrar Lauren com a mãe dele, com a tia paterna, Lady Elizabeth Wyatt, e os tios maternos, o duque e a duquesa de Anburey.

Sir Paul Longford, vizinho e amigo de infância, não conseguiu resistir a uma oportunidade tão boa para uma piada maliciosa. – Bem, já sabe, Sterne – disse com o seu ar mais indolente –, é só por esta noite, meu velho. O Nev vai poder dançar sozinho com a noiva amanhã à noite, embora não necessariamente num salão de dança. Sei do que estou a falar.

Todo o grupo explodiu numa gargalhada rouca bem masculina, atraindo a atenção de toda a gente.

– Em cheio, Nev, tem de reconhecer – disse o seu primo e padrinho do dia seguinte, o marquês de Attingsborough.

Neville sorriu depois de franzir os lábios e mexer na fita do seu monóculo. – Deixe que essas palavras cheguem aos ouvidos de alguma das senhoras na sala – disse – e talvez me veja obrigado a pedir-lhe para sair. Divirtam-se, cavalheiros, mas não negligenciem as senhoras, por favor.

Vagueou na direção da sua prometida. Ela usava um vestido de cintura subida de rede dourada sobre tafetá amarelo-vivo e tinha um ar fresco e amoroso como a primavera. Era realmente uma pena que não pudesse dançar de novo com ela durante o resto da noite. Mas na verdade seria bastante estranho se não pudesse manobrar as coisas mais ao seu gosto.

Não era imediatamente possível. Era necessário conversar educadamente com Mr. Calvin Dorsey, um homem afável de meia-idade, conhecido do avô de Lauren, que fora solicitar a mão dela para dançar após a ceia e que ficara por uns minutos para se mostrar agradável. E depois chegou o duque de Portfrey na peugada de Dorsey para levar Elizabeth para a dança seguinte. Era o amigo de longa data dela e seu pretendente. Mas Neville viu por fim a sua hipótese.

– Lá fora está mais verão do que primavera – fez notar, não se dirigindo a ninguém em particular. – O jardim de pedra deve estar encantador à luz das lanternas. – Sorriu para Lauren com um anseio deliberado.

– Mmm... – disse ela. – E a fonte também.

– Creio – prosseguiu ele –, que reservou a próxima dança com a Lauren, tio Webster?

– Assim foi – respondeu o duque de Anburey, mas piscou o olho ao sobrinho por cima da cabeça de Lauren. Ele não deixara escapar a sua deixa. – Mas toda esta conversa sobre lanternas e verões deu-me um desejo ardente de ver os jardins com Sadie pelo braço. – Olhou para a mulher e agitou as sobrancelhas. – Se pelo

menos alguém se desse ao incomodo de me tirar a jovem Lauren das mãos...

– Se me torcer o braço com força suficiente – disse Neville, enquanto a sua mãe sorria alegremente face àquela conspiração –, posso ser convencido a tratar eu próprio dessa tarefa.

E assim, um minuto depois, descia as escadas com a sua prometida pelo braço. É certo que foram travados pelo menos uma dúzia de vezes por convidados que desejavam cumprimentá-los no baile e desejar-lhes felicidades para o dia seguinte e para os anos vindouros. Mas conseguiram finalmente sair e descer os amplos degraus de mármore para deleitarem os olhos com os arco-íris criados pelas luzes das lanternas na água aspergida pela fonte. Continuaram a avançar até ao jardim de pedra.

– És um manipulador descarado, Neville – acusou Lauren.

– E ficas contente com isso? – aproximou a cabeça da dela.

Ela refletiu por uns momentos, com a cabeça inclinada para o lado, com uma covinha denunciadora a marcar-lhe a face esquerda.
– Sim – respondeu com determinação. – Bastante.

– Vamos recordar esta noite como uma das mais felizes das nossas vidas – disse ele. Inspirou o ar fresco com um leve sabor a sal vindo do mar. Estreitou os olhos para que as luzes individuais das lanternas do jardim de pedra à sua frente se misturassem num caleidoscópio de cores.

– Oh, Neville – disse ela, com a mão a apertar-lhe o braço –, será que alguém tem direito a tanta felicidade?

– Sim – respondeu-lhe, em voz baixa, encostado ao seu ouvido.
– Tu tens.

– Olha só para o jardim – disse ela. – As lanternas fazem com que pareça uma terra encantada.

Ele instalou-se para apreciar aquela inesperada meia hora com ela.